

DIFICULDADES E DILEMAS DOS PROFESSORES INICIANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA REDE PÚBLICA: A VOZ DO DOCENTE INGRESSANTE

Eliane Carneiro Araújo³⁷

Ana Maria Gimenes Corrêa Calil³⁸

Resumo: Este trabalho focaliza a situação vivida por professores ingressantes de um município do Vale do Paraíba, que se veem envoltos em múltiplos dilemas e dificuldades, decorrente da nova cultura e dos contextos escolares nos quais passam a se inserir. O objetivo é investigar o ingresso profissional de professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental na rede pública, apresentando os desafios enfrentados pelos docentes na inserção profissional. Fundamentou-se em estudos de autores como Garcia (1999), Huberman (1995) e Tardif (2002) que abordaram o tema e apontaram para a urgente necessidade de as autoridades envolvidas nesse processo voltarem o olhar para o iniciante, investindo em políticas públicas que venham a minimizar os impactos do ingresso profissional. A investigação qualitativa deu-se em duas etapas: a aplicação de um questionário no formulário Google, encaminhado a Coordenação Pedagógica, que distribuiu o link de acesso às Orientadoras Pedagógicas e estas repassaram a seus professores iniciantes juntamente com as orientações previamente dadas pela pesquisadora explicando os procedimentos para responder o formulário. Obteve-se o retorno de 22 questionários, de um total de 145 professores iniciantes. Fez-se também um grupo focal com seis professores iniciantes atuantes na mesma unidade. A análise dos dados evidenciou a percepção dos professores iniciantes acerca de fatores que facilitam e dificultam o momento descrito pelos sujeitos como difícil, às vezes solitário, repleto de tensões, incertezas e muitas aprendizagens. Para alguns participantes da pesquisa, a falta de apoio de gestores e dos colegas, a indisciplina e o desinteresse do alunado são os maiores complicadores nesse princípio da inserção profissional.

Palavras Chave: Ensino, Profissão Docente, Anos Finais Ensino Fundamental.

1 Introdução

Aqueles que escolhem a profissão docente, em particular os que iniciam na rede pública, são potenciais candidatos a se depararem com desafio que vão além daqueles imaginados e são difíceis de serem enfrentados no início da carreira docente. Os ingressantes alegam que as salas de aulas que sobram para eles tralharem, são as mais problemáticas. Geralmente são superlotadas, onde há alunos

³⁷ Pedagoga, Psicopedagoga cursando Mestrado Profissional em Educação, pela Universidade de Taubaté. E-mail: elicaraujo@gmail.com

³⁸ Mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP, professora do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. E-mail ana.calil@unitau.com.br

com necessidades específicas de aprendizagens, ou ainda as que os alunos apresentam problemas de comportamento. São salas que nem os professores mais experientes se dispuseram a encarar e agora são lançadas nas mãos dos novatos. Estes têm pela frente uma tarefa nada fácil, agravada exatamente por não dispor, ainda de preparo e experiência para assumirem realidades tão complexas. No entanto, são nas turmas mais difíceis que geralmente os iniciantes dão seus primeiros passos na docência.

Estudos de autores internacionais e nacionais revelam que começar nessa profissão requer muita perseverança até que seja superado o período de adaptação na função que inclui aprender a lidar na prática com a teoria, com a dinâmica do trabalho pedagógico e também a manter na sala de aula um ambiente agradável e harmonioso que possibilite aos alunos estabilidade para que a aprendizagem possa ocorrer.

Este estudo tem como finalidade debater acerca de como ocorre a iniciação na profissão docente, buscando ouvir de professores iniciantes, o que pensam a respeito dos desafios que enfrentam, das dificuldades enfrentadas e dos fatores facilitadores presentes neste processo de inserção na vida profissional. Com isso, pretendemos revelar as incertezas implícitas nesse momento marcante, buscando, ainda, indícios de como a escola e a gestão pública podem investir em políticas públicas de apoio ao ingressante.

1. Desafios da inserção na docência

Todo início tem suas complicações. Começar, implica adaptar-se, familiarizar-se à novas situações, pessoas, novos ambientes, e nesse caso em especial, à vida profissional. Na carreira de professor, essa situação se apresenta rodeada de muitas outras complicações devido ao fato de envolver pessoas, suas inconstâncias e a diversidades que impera no cotidiano de suas vidas.

Parto da premissa de que até bem pouco tempo atrás, no Brasil, a inserção profissional era uma temática pouco discutida, porém hoje ganha cada vez mais destaque, visto que vem sendo revelada por pesquisas de autores como Garcia (1999), que se dedicam a investigar o tema. Trata-se de uma problemática que necessita da atenção dos governantes no que se refere a criação e implementação

de políticas públicas visando atenuar as dificuldades nesse período da profissão conforme as descritas por Gatti, Barretto e André (2011).

Diferentemente do que ocorre em outras profissões, professores iniciantes enfrentam situações estressantes, no processo de inserção na profissão. Ao ouvir suas histórias e relatos, percebe-se a fragilidade em que se encontram devido à falta de apoio no período de adaptação à função. Esse fato leva muitos a desistirem da profissão escolhida inicialmente por terem suas expectativas frustradas envoltas em situações problemáticas que vão da convivência com colegas e equipe gestora, até aquelas ligadas à relação com alunos e a gestão da sala de aula. Compreender a vida do profissional e todas as fases pelas quais passa torna-se primordial para quem deseja seguir o caminho do magistério. Huberman (1995), destaca que muitos docentes em princípio de carreira se inserem em um ciclo no qual se dará a aprendizagem profissional.

A fase inicial, “entrada na carreira”, é repleta de descobertas. Nela, o sujeito passa pelo período de sobrevivência, exploração e estabilização. Geralmente ocorre nos três primeiros anos da profissão, podendo se estender até os seis anos.

Huberman (1995, p.39) destaca ainda que a “descoberta traduz o entusiasmo inicial” devido ao fato de finalmente se encontrar em “situação de responsabilidade” junto aos alunos e a sala de aula, situação desejada por muitos profissionais da área antes de assumir esse compromisso. Desse modo, o professor percebe-se parte de um grupo profissional como bem afirma o autor algo real e significativo a quem busca se integrar a uma profissão.

A fase foi classificada também pelo “choque do real”, pois o docente constata a “complexidade da situação” profissional vivida, distante da realidade até então conhecida e nunca vivenciada no período acadêmico. Por conta disso, o autor ressalta a relevância da observação da prática, pois a mesma pode propiciar ao estudante, oportunidade de observar inúmeras situações do cotidiano escolar, dentre as quais, as relacionadas as dificuldades de aprendizagem, bem como observar que tipo de estratégias e intervenções são validas para apoiar os estudantes nessas dificuldades e em outras, por exemplo, ligadas a questão da indisciplina citada como um problema que se multiplica a cada ano e torna a vida do iniciante mais difícil. Em decorrência disso, tanto Huberman (1995) quanto Garcia (1999), defendem a ideia de que, na formação inicial, deva ser priorizado a observação em instituições de base, onde o graduando pudesse vivenciar a prática de professores mais experientes.

A literatura evidencia ainda dois fatos observados nesse princípio que podem influenciar de forma positiva ou negativa a escolha profissional. No início o sujeito vê-se envolvido com as “descobertas” da profissão, vive o entusiasmo do momento, quando a experimentação e a exaltação podem levá-lo a engajar-se na profissão. Ao contrário disso, a sobrevivência revela o lado negativo da profissão, as situações complexas, o tatear constante, as preocupações consigo e com o outro, o distanciamento entre as ideias e a realidade do cotidiano escolar, a fragmentação do trabalho, enfim toda problemática revelada pode levar à opção de desistência do magistério dependendo de como o sujeito absorve este aspecto e de como se deixa influenciar por ele.

Sobre a inserção no magistério, Tardif (2000) disserta que o início na carreira se revela uma fase crítica em que ocorrem ajustes entre as experiências anteriores e a realidade do trabalho. É quando ocorre o “choque com a realidade”, “choque de transição” ou ainda “choque cultural”, gerado pelo “confronto inicial com a dura e complexa realidade” da atividade docente, marcada pela transição da vida de estudante, para a vida mais exigente, quando assume o trabalho docente.

O autor considera o início da carreira docente uma fase crítica, pois as certezas reveladas pela prática fazem com que o professor adote uma postura crítica em relação a sua formação universitária.

“O início da carreira é acompanhado também de uma fase crítica, pois é a partir das certezas e dos condicionantes da experiência prática que os professores julgam sua formação universitária anterior. [...] muita coisa da profissão se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo [...] Ao estrearem em sua profissão, muitos professores se lembram de que estavam mal preparados. [...] Foi através da prática e da experiência que eles se desenvolveram em termos profissionais” (TARDIF, 2000, p.229).

De fato, muito da profissão se aprende na prática, no dia a dia. No entanto, cabe um adendo para a questão da formação que com o passar dos anos vem decaindo na função de formar para a docência. Hoje, professores despreparados adentram as escolas, por conta das implicações que envolvem o fazer docente permanecem por anos tateando na profissão. Desse modo, torna-se primordial a readequação da formação universitária, no sentido de oferecer melhor preparo ao professor provendo-o com bases sólidas, sustentados em pilares teóricos e metodológicos de forma a capacitá-lo para enfrentar o dia a dia na profissão docente

com mais bagagem técnica e estratégias de ensino - o que por vez, pode contribuir para tornar o princípio na carreira menos árduo e penoso.

Considerando os estudos de Simon Veenman (1984), discutido por Garcia (2010, p. 63), o choque da realidade condiz com um período no qual ocorre aprendizagens intensas na maioria das vezes, do tipo “ensaio e erro”, caracterizando-se por princípio de sobrevivência. O autor firma ainda que o choque está relacionado a “expectativas, estereótipos e condições de trabalho”, do tipo que causa espanto ao iniciante diante de algumas situações e problemas quando se vê responsável por uma sala de aula.

Marcelo e Vaillant (2012) definem a inserção à docência como “o período obrigatório de transição entre a formação inicial do docente e sua incorporação ao mundo trabalhista”; Garcia (1999) diz tratar-se da “transição de estudante para professores”. Para os autores, é de extrema relevância que os recém profissionais sejam acompanhados de perto por pessoas mais experientes nos primeiros anos de profissão.

O acompanhamento ao iniciante, não deve limitar-se apenas a uma avaliação ao final de cada ano conforme ocorre em muitas realidades. Muito se fala que este acompanhamento, deve ser muito mais abrangente implicando ações e estratégias pensadas tanto pela equipe gestora que o está acolhendo, como pelos muitos profissionais envolvidos com a educação e que atuam em outras instâncias da Secretaria de Educação. Estas equipes juntas teriam a responsabilidade de por um período, supervisionar, orientar, acompanhar, se aproximar do iniciante visando estabelecer laços de confiança e por meio dessa confiança, buscar conhecer possíveis necessidades do docente que muitas vezes devido as incertezas, as camuflam pelo medo de errar ou de expor suas fragilidades. Fato este, que é uma constante na vida de muitos iniciantes que sofrem críticas por serem questionados por outros profissionais mais experientes que não compreendem que o processo de formação docente não se encerra na graduação e que muitas vezes, o ofício só é plenamente compreendido por meio da prática e o que traria maior contribuição para o ingressante nesse momento da vida profissional, não seriam críticas, mas poder contar com a experiência dos colegas, visto que passa pela conturbada transição de estudante para professor mencionada pelos autores.

O acompanhamento mais importante nessa etapa, deve ocorrer no interior da escola. Em vista da proximidade, são os sujeitos que integram as equipes escolares

que mais têm a contribuir. Enquanto a troca com outros professores mais experientes pode se configurar rica fonte de conhecimentos da prática, a equipe gestora, pode contribuir orientado acerca de planejamentos entre outras questões organizacionais. No entanto, é fundamental que tanto o corpo docente, quanto a equipe gestora estejam dispostos a contribuir ajudando o iniciante a integrar no cotidiano escolar, desse modo, desempenham papel fundamental para a adaptação desse profissional recém chegado ao grupo.

O que se evidencia segundo Garcia (1999) é que o início da carreira docente é marcado por muitos desafios os quais causa inquietações e insegurança ao iniciante que precisa tomar a dianteira e dominar o conhecimento necessário para controlar a situação em que se encontra.

“É um período de tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos [...] sendo necessário adquirir um conhecimento e competência profissional adequados num curto espaço de tempo.” (GARCIA, 1999. p.113).

Esse período é então considerado problemático, envolvido por implicações como o despreparo para assumir suas atribuições, a adaptação na função e no trabalho junto aos alunos, a falta de confiança em si mesmo, a insegurança para lidar com as múltiplas situações do cotidiano escolar, além de aspectos ligados a falta de identidade profissional.

Garcia (1999), Huberman (1995) e Tardif (2000) revelam que os primeiros anos da profissão docente são considerados determinantes no que se refere a aquisição de experiências que definirão o perfil do professor, seu estilo de trabalho e sua identidade. Requerem do professor que este aprenda o ofício de aprender e ao mesmo tempo ensinar, fazendo uso da capacidade de adaptação às diferentes situações conflituosas do dia a dia.

Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de conhecer o universo que permeia a vida do professor iniciante do ensino fundamental, especificamente aqueles que lecionam nos Anos Finais, optou-se pela abordagem qualitativa, o que segundo André (2005, p. 47), tem por prioridade, investigar “o mundo dos sujeitos, os significados que atribuem às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de

interações sociais”. Desse modo, a abordagem possibilitou conhecer os sujeitos, promovendo rica interação no tocante as experiências vividas no cotidiano escolar resultando na obtenção de informações pertinente aos objetivos da pesquisa, proporcionando maior compreensão da realidade social dos participantes deste estudo.

O público alvo da pesquisa foi composto por professores efetivos em estágio probatório iniciando a carreira nos Anos Finais do Ensino Fundamental, atuando do 6º ao 9º ano, na rede municipal de um município da Região Metropolitana do Vale do Paraíba.

O questionário

Optou-se por fazer um questionário no formulário Google, considerando a praticidade do instrumento, bem como o fato de ser um facilitador quando se quer atingir um grupo geograficamente distante. O link gerado ao final da elaboração do questionário foi enviado à Secretaria de Educação, pois como exigência para autorização da pesquisa, solicitou-se que passasse por seu pessoal o modelo do questionário a ser aplicado. Ficou acertado que o Coordenador repassaria aos Orientadores Pedagógicas em reunião as informações sobre a pesquisa e o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicadas anteriormente pela pesquisadora a este profissional responsável por coordenar uma reunião mensal com as Orientadoras Pedagógicas. A Título de esclarecimento, explicita-se que o Orientador Pedagógico exerce a mesma função que em outras redes, seria a de Coordenador Pedagógico.

As Orientadoras Pedagógicas que aceitaram que seus professores iniciantes participassem da pesquisa, levaram para suas escolas um envelope contendo duas vias³⁹ do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Havia no envelope também o link de acesso ao questionário a ser respondido no Google drive. As Orientadoras, fizeram chegar a seus professores iniciantes, explicando a que se destinava a pesquisa, o documento e o link. Os professores responderam o questionário e enviaram de volta a pesquisadora.

³⁹ Uma das vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido destinava-se ao professor iniciante que iria participar da pesquisa enquanto a outra seria assinada e devolvida à pesquisadora.

Com esse recurso, foi possível conhecer o perfil dos professores, sujeitos da pesquisa, e o que pensavam a respeito de como vem sendo o princípio na docência e a concretização das expectativas em torno da profissão de escolha.

O Grupo Focal

Documentos solicitados na Secretaria de Educação revelaram que existiam duas escolas com dez professores iniciantes ambas no mesmo bairro. Para realizar o Grupo Focal foi selecionada aquela de acesso mais fácil, que atende alunos em tempo integral. O encontro contou com a presença de seis dos dez professores iniciantes da unidade, após autorização da diretora e do Orientador Pedagógico da escola que disponibilizou uma sala para que o encontro pudesse acontecer.

O momento trouxe à tona conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações. Os professores apresentaram diferentes perspectivas a respeito das questões discutidas, sem se deixar influenciar pelas ideias dos colegas. Para tabular os dados quantitativos, advindos da aplicação do Questionário e do grupo focal, fez-se a leitura um a um dos 22 questionários recebidos no Google drive, no intuito de familiarizar-se com os dados coletados. A análise dos dados permitiu a compreensão dos desafios enfrentados pelos professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, suas necessidades em relação aos alunos, no tocante a parte burocrática da profissão e no que diz respeito às inter-relações e interações do cotidiano. Contribuiu também para avaliar como estes sujeitos se sentem diante dos desafios no início da docência e em relação à escolha profissional. Veremos a seguir os desafios enfrentados por estes profissionais ingressantes.

Visando respeitar o anonimato e identificar as falas dos participantes, as do grupo focal serão seguidas das iniciais: P1, P2, até P6 e as daqueles que responderam ao questionário virão seguidas das iniciais: P1Q, P2Q, até P22Q, de acordo com o número de participantes.

O ingresso na rede e os desafios neste princípio

Na rede municipal pesquisada, falta um plano sistemático de inserção na profissão docente. No entanto, percebe-se a mobilização de agentes da Secretaria de Educação no sentido de desenvolver estratégias de acolhida aos profissionais

recém concursados, a exemplo, a integração que ocorre poucos dias antes do início do trabalho, onde todos os professores recém concursados participam de uma reunião de integração. Embora reconheça que deve acolher o iniciante, as ações da Secretaria Municipal de Educação na reunião inicial com os recém contratados, destina-se a explicar acerca das normas da rede, mas em um cenário idealizado pelos iniciantes, as orientações deveriam estar voltadas para a prática.

É necessário adotar medidas de integração do docente à profissão a exemplo das boas experiências que já ocorrem em outros países, o que minimizaria as agruras nesse momento “difícil” como descrevem os participantes do grupo focal.

A rede investe em qualificação dos docentes, porém, carece de uma política pública verdadeiramente efetiva de apoio ao ingressante. O gesto de reunir os docentes convocados no último concurso que assumiram suas cadeiras no início de 2018 talvez configure o indício da percepção por parte dos gestores públicos da necessidade de um momento de acolhimento a esse novo profissional recém contratado.

Algo importante de ser feito nesse princípio, é focar os objetivos do encontro naquilo que realmente é pertinente e traga, ao ingressante, informações básicas acerca da prática de como fazer a parte rotineira de sua função - rotinas, planos de aulas, registros. O recomendável, seria que esse iniciante pudesse passar um dia observando um outro colega trabalhando e fosse apresentado por este, ao serviço de professor. Durante este dia, o colega mais experiente poderia se encarregar de apresentar toda a dinâmica do trabalho do professor explicitando as particularidades do dia a dia que vão muito além do ensinar ou passar o conteúdo conforme relata uma professora.

A expectativa é que essa ação inicial se concretize e se torne uma prática efetiva - quem sabe se torne uma política da rede, pois isso vem de encontro com as reivindicações de 6 dos 22 professores que fizeram o questionário.

Os docentes relataram como se sentiram no período inicial e como se sentem hoje em relação a falta de apoio. Segundo disseram, sentiram-se mal, perdidos, ou desanimados nos primeiros anos e, hoje, perdura a sensação de ser deixado de lado com suas necessidades. Certamente ações bem planejadas de acolhimento serviriam para dar mais confiança a esse professor no sentido de superar os desafios nesse princípio e também para minimizar a sensação de solidão.

O que se pode perceber foi que tanto os participantes do Grupo Focal quanto os do questionário falaram das dificuldades enfrentadas e de como ficaram sem saber como proceder e a quem recorrer. Restou a eles sentirem-se esquecidos, assustados.

“[...] quando eu iniciei eu lembro que eu fiquei bem perdida”. (P1)

“[...] não sabia como agir”. [...] mesmo quando você tem planejamento todo bem montado quando você está começando algumas coisas saem do normal e aí você não sabe como agir. Você tem esse despreparo”. (P2)

“Eu achava que ser professor era passar o conteúdo que estudei na faculdade. [...] Quando você começa a vida de professor, você não tem claro o que deve fazer”. (P3)

Como podemos perceber, pelos depoimentos, ao assumirem a profissão, os iniciantes não estavam devidamente preparados. Os sujeitos pesquisados dão sinais que permitem a livre interpretação de que, nesse princípio, muitos não sabiam como agir junto aos estudantes.

Garcia (1999), Huberman (1995) e Tardif (2002) são alguns dos teóricos que dedicaram seus estudos ao ingresso profissional na docência e citam o “choque do real”, situação onde o sujeito se depara com uma realidade completamente distinta daquela imaginada. Os depoimentos revelam esse “choque” quando os sujeitos da pesquisa adentram o ambiente escolar e percebem o distanciamento existente entre a teoria e a prática.

O iniciante, que até então acreditava ser suficiente para ensinar apenas uma base teórica adquirida na formação universitária, se vê diante do dilema: o que ensinar? Como ensinar? Para quem ensinar? Tardif (2002, p. 82) define esse momento como sendo “o confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente do trabalho”.

Durante a transição, muitos enfrentam desafios diretamente relacionados ao desenvolvimento do trabalho docente, mas muitos outros problemas são alheios à aprendizagem dos alunos, à gestão das aulas e às questões burocráticas, no entanto, são muito comuns no cotidiano escolar nos dias atuais. Tal fato, exige grande dispensa de energia do professor quando se pretende fazer um bom trabalho. Os desafios do dia a dia não relacionados ao processo de aprender e ensinar, dificultam ainda mais a vida dos professores - especialmente aqueles ligados à indisciplina, como ocorre no cotidiano dos participantes da pesquisa.

Os dilemas do iniciante ligados a indisciplina

Os iniciantes ouvidos relatam que a escola onde atuam enfrenta sérios problemas ligados ao comportamento dos alunos e estes estão atrelados diretamente a um contexto social problemático. A situação se agrava, já que os professores recém ingressos não dispõem de experiência para prover-se de meios permitindo encontrar estratégias para agir e solucionar as diferentes situações que se apresentam diariamente na sala de aula.

“ [...] quando eu cheguei aqui, eu fiquei bem assustada porque aqui, eles são de um perfil diferente, né?. São crianças mais carentes e eu já tinha dificuldades até por que eles são meio...como é que eu posso dizer... agressivos na maneira de falar. Então no começo eu enfrentei toda essa questão da disciplina [...] hoje a gente vê que não é só isso a gente tem que lidar com a parte humana principalmente aqui”. (P1)

“[...] eu era muito preocupada, eu achava que professor era passar o conteúdo que estudei na universidade, cumprir a matriz. [...] mas depois você percebe que não é isso, né? Eu tive muita dificuldade em relação a isso. Eu lembro que era chamada porque eu teria que olhar outras situações, ficar mediando as brigas, né? Aquelas discussões dos alunos”. (P3)

Estas dificuldades conflituosas vivenciadas pelos sujeitos, acima relatadas, nos remetem ao que cita Johnson e Ryan (1983 apud GARCIA, 1999), onde afirmam serem os professores “estrangeiros” em um espaço conhecido e desconhecido ao mesmo tempo, pois, nas horas que passam na escola no período inicial da formação, não são inseridos nos chamados “processos escolares”. Dessa forma, os estudantes, futuros professores, não se familiarizam com situações específicas do fazer do professor – tais como o que e como ensinar. Além disso, não se habitua aos problemas inerentes ao contexto escolar, resultando no despreparo manifestado pelos sujeitos da pesquisa ao ingressar na rede e na profissão.

Além dos desafios relacionados à prática docente e ao comportamento dos alunos, três dos professores do grupo focal manifestaram ter tido problemas durante o processo de inserção com relação à resistência dos alunos na sua chegada.

“[...] eu tive bastante dificuldade por conta de que eu entrei no lugar de outra professora que eles já eram acostumados. Então, eu tive o desafio de conquistar a classe primeiro” (P3).

Além de enfrentar a resistência de alunos, PGF3 enfrenta também resistência da gestão. Segundo declara, isso ocorre por ingressar quando o ano letivo já estava em andamento e também por ter assumido a vaga de outro profissional contratado por prazo determinado, com o qual a gestão se afeioou. Além de inúmeros outros desafios, este é mais um a ser superado nesse princípio já tão controverso, onde figuram tantas adversidades.

“A efetivação na rede para mim foi bem desgastante, porque quando eu ingressei, quando eu entrei tinha uma professora muito querida da escola. Então, eu enfrentei uma resistência muito grande por parte da gestão. Eu me lembro que, no primeiro dia que eu vim entregar meus documentos, a gestora me disse ‘olha a gente tem uma professora ótima’ “. (P3)

Enfrentar a resistência de alunos já não é tarefa fácil e se torna ainda mais complicado quando parte da gestão também se mostra pouco acolhedora. Segundo o participante declara, essa problemática que tanto causa desconforto ao ingressante poderia ser evitada se os trâmites do ingresso ocorressem de maneira a permitir a iniciação na rede em consonância com o início do ano letivo.

É possível concordar com o ponto de vista desse participante. Pois, acredita-se que, desse modo, o concursado deixaria de ser visto como alguém que possivelmente pode estar tirando a vaga de outro colega, muitas vezes querido pela população escolar, evitando desconforto para todos os envolvidos. Nesse sentido, uma mudança nas ações da rede, no tocante ao período do ano em que são contratados os docentes efetivados, seriam suficientes para evitar esse tipo de contratempo que oneram ainda mais a vida do iniciante.

Para P1, a resistência que enfrentam também pode estar relacionada ao vínculo estabelecido com outros professores.

“[...] eles se identificam com o professor. E eles num ano eles te amam e no outro ano eles pegam outro professor e eles odeiam o outro professor porque têm vínculo com o antigo. [...] Aí depois eles já adoram o outro professor porque eles odeiam o professor antigo. Então é isso, eles têm afinidade com o professor, né”. (P1)

Segundo os pressupostos de Garcia (1999), os processos de aprender a ensinar perpassam pela maturidade intelectual, o que muitas vezes ainda não é possível ao iniciante recém-formado. Ao fazer análise do período da iniciação, Lucas Martin (1996 apud GARCIA, 1999, p 115) declara que iniciar no ensino, requer que o

professor seja inserido na cultura docente, integrando “conhecimentos, valores e símbolos da profissão”, integrando a cultura própria do docente, bem como situar e integrar o professor ingressante no meio social em que exercerá a atividade docente.

Ao analisar a situação dos professores ingressantes na rede, percebe-se que pode ter faltado, a estes profissionais recém contratados e efetivados, esta etapa na integração mencionada pelo autor. A integração daria ao novato um direcionamento acerca de suas atribuições e do fazer docente, situando-o no contexto, ajudando-o a compreender as expectativas e metas da escola e da rede no tocante àquela realidade, e no caso dos professores participantes do grupo focal os ajudaria a situar-se naquela comunidade específica, tendo em vista, o fato da escola se encontrar em situação de vulnerabilidade.

Desse ponto de vista, fica claro que a iniciação implica integrar-se também em um processo de aprendizagem que se estende ao longo da vida profissional e pessoal, visto que a docência constantemente coloca o professor diante de situações que remetem a busca por novos conhecimentos e saberes.

As necessidades mencionadas pelos docentes desse estudo dizem respeito não só a questões da gestão da sala de aula, mas também da falta de apoio diante dos conflitos presentes no cotidiano, durante suas primeiras experiências - aspecto que se sobressaiu nos depoimentos tanto de quem respondeu ao questionário quanto de quem participou do Grupo Focal.

Na fala dos professores, é possível perceber que a maioria, especialmente do Grupo Focal, sinaliza que a indisciplina e os problemas provenientes dela, incluindo a falta de apoio da gestão no gerenciamento destas, configuram um dos grandes geradores de dificuldades nesse período inicial da carreira. No caso específico dos professores participantes do Grupo Focal, o contexto onde a comunidade escolar está inserida contribui significativamente para a situação de indisciplina presente na escola. Os professores, pouco experientes, lidam diariamente com situações, originárias de contexto social cada vez mais problemático.

Ao analisar os problemas da indisciplina, no cotidiano escolar, Boarini (2013) salienta tratar-se de um problema complexo de fatores múltiplos advindos de domínios sociais, culturais, geracionais e políticos. Há fatores ligados a problemas familiares, à história de vida e à própria personalidade do indivíduo. Há fatores que derivam do estilo da liderança e gestão da escola e, ainda, da relação e interação pedagógica na aula. Para o autor, a problemática da indisciplina é tema a ser tratado

ainda na formação do professor, pois o problema não é alheio ao trabalho docente nos dias atuais - ao contrário, está cada dia mais presente nas escolas.

Boarini (2013) afirma ser necessário tomar essa questão da indisciplina como um “desafio”, buscando refletir e investigar acerca de sua origem. Essa reflexão não diz respeito somente ao professor, mas é uma discussão a ser feita unindo todos os segmentos da escola visto que o aluno não é problema exclusivo do professor, especialmente quando se trata do iniciante que ainda não possui experiência e talvez ainda não tenha se apropriado das estratégias que permita agir com eficiência na resolução de determinadas situações conflituosas.

Amado (2001) já dissertava sobre o assunto e destacava que a indisciplina escolar aflige muitos professores e tem se tornado um grande problema. Segundo o autor, é necessário às instituições formadoras de professores fazer com que esse tema faça parte dos conteúdos disciplinares, de forma a ser debatido amplamente e, assim, tornar-se parte dos conhecimentos essenciais dos futuros professores. A indisciplina escolar é uma situação atual, presente no cotidiano de muitas escolas de base como é o caso das escolas onde atuam os sujeitos ouvidos na pesquisa.

Se somados os participantes das duas etapas da pesquisa, quase 50% deles citam a problemática da indisciplina no seu dia a dia. Uma questão que, segundo o autor, deve começar a ser discutida ainda na formação inicial.

[...] a indisciplina escolar se tornou num dos problemas que mais aflige os professores [...] Não pode, pois, a formação inicial passar ao lado dela e, muito menos, deixar pairar a ideia de que se trata de uma fatalidade inevitável, irremediável e apenas fator de angústias e desânimo. O problema deve ser encarado e analisado objectivamente de modo a serem identificados os seus factores e de modo a que o (futuro) professor obtenha a competência mínima para lhe dar a resposta possível no plano pedagógico (AMADO, 2001, P.1)

Há que pesquisar, estudar, debater e conhecer os fatores geradores de indisciplina em busca de conhecimentos e soluções que minimizem seus efeitos e consequências no desenvolvimento do trabalho docente e na aprendizagem da maioria, sempre prejudicada pela ação de uma minoria.

A escola pública reúne grande concentração de alunos indisciplinados, que muitas vezes não percebem o direito a escola, não percebem que o sistema escolar pertence a um sistema educacional que forma o cidadão e que para garantir essa formação, tornou o ensino obrigatório. O jovem não percebe que a educação

oferecida nas escolas fora pensada para garantir que tenham oportunidades no futuro e que não só os professores trabalham para esse fim, mas cabe ao próprio estudante a responsabilidade maior por sua aprendizagem, pois tem um papel importante a desenvolver, no sentido de mover a engrenagem que mobiliza a construção de seu conhecimento. No entanto, os alunos que apresentam comportamento indisciplinados, parecem não compreender toda essa mobilização e reagem como se não fossem parte do processo de formação acadêmica.

O comportamento indisciplinado dos alunos tende a prejudicar tanto sua aprendizagem quanto a de outros estudantes, bem como o trabalho de professores e da equipe escolar que constantemente são levados a tirar o foco de suas rotinas em virtude das ações desses alunos indisciplinados. Jovens assim, estão cada vez mais presentes nas escolas e é comum, os professores iniciantes tê-los em suas salas de aula sendo mais um desafio a ser superado na fase mais complexa da profissão e para tanto, há que se acercar de inúmeros conhecimentos que venham lhes permitam trabalhar com esse novo perfil de aluno, especialmente os indisciplinados.

Discutir coletivamente os casos de indisciplina configura um tipo de ação da escola e de seus gestores, que desonera o iniciante e os professores de modo geral da responsabilidade única por alunos que trazem problemas para a sala de aula. Ações desse tipo viabilizariam a dinâmica das aulas, possibilitando que de fato o ensino ocorresse e a qualidade desse fosse mantida. Evitaria, também, queixas como as que foram relatadas no grupo focal.

“[...] o professor ele é sozinho ainda”. (P5)

Na fala de alguns professores iniciantes, os desafios nesse princípio de carreira, estão sendo a “pedra angular”⁴⁰ (P5). Através dos relatos, pôde-se constatar o quanto se sentem só diante dos desafios e das inúmeras dificuldades vividas. Segundo Mariano (2006), os sujeitos passam, nesse princípio, por três situações difíceis: o “choque da realidade”, a “sobrevivência” e a “descoberta”. Percebe-se que não há tempo hábil para os sujeitos se adaptarem às novas situações, nem que os movimentos e encaminhamentos da gestão sejam suficientes para suprir as

⁴⁰ A pedra angular é o elemento essencial que dá existência àquilo que se chama de fundamento da construção, era a pedra fundamental utilizada nas antigas construções. Seria a base sólida que um edifício necessita para conseguir chegar à altura programada, sem cair. No caso dos professores iniciantes é a base fundamental na qual se assenta a construção do conhecimento profissional em prol da superação dos desafios que se apresentam.

demandas existentes de forma a favorecer o ingressante diante de tantas inconstâncias.

Apoio ao iniciante: de onde vem?

No decorrer desse estudo, entre aqueles iniciantes que declaram terem tido apoio das equipes gestoras observa-se maior entusiasmo e segurança para enfrentar os desafios que se apresentam no dia a dia. Por outro lado, os professores que não obtiveram o mesmo apoio e enfrentam seus desafios diários na solidão de sua sala de aula, demonstram maior preocupação por ainda não terem clareza de como exercer a profissão ou de como agirem e de que estratégias devem lançar mão para solucionar os desafios da profissão.

De acordo com André (2012), o acompanhamento e a capacitação, disponibilizada ao iniciante, podem ajudar a reduzir o peso de tarefas e Afazeres inerentes a sua função de professor, necessárias e importantes ao processo de desenvolvimento profissional.

Para André (2012, p. 115), o iniciante não deve desanimar diante das contradições e dificuldades da pelas quais passa. Mas, deve buscar os “instrumentos e apoios necessários, sejam eles colegas mais experientes, ex-professores da universidade, ações oferecidas na escola ou em outros espaços formativos”. O que não pode, é se fechar na individualidade de seu espaço de trabalho, em situações frustrantes, desanimadoras que podem levar ao abandono da profissão muitas vezes desejada.

Abordando a questão da atuação do professor, Lima (2006) disserta que os iniciantes, se sentem só diante da ausência de ajudas das instituições e também por não contarem com quem possa socializar ideias no dia a dia.

Para Garcia (1999) a insegurança é uma característica desse período, agravado pelo fato de estarem exercendo novos papéis e também de viverem um período de intensas aprendizagens.

Assim como houve professor enfrentando desafios pela falta de apoio, foi possível perceber por meio dos relatos que na rede existem professores iniciando sua trajetória com tranquilidade justamente por terem encontrado profissionais que os apoiaram nessa jornada inicial.

Para esses professores, alguns fatores contribuíram para o êxito neste princípio,

A receptividade dos alunos e o apoio da liderança (P1Q).

O mais importante nesse momento inicial foi a acolhida por parte da equipe e professores e na paciência em responder a todas as minhas dúvidas (P8Q).

O apoio dos colegas e do Orientador Pedagógico (P20Q).

A disposição da equipe gestoras em esclarecer minhas dúvidas (P21Q).

A presença do apoio ao iniciante é significativa. Garcia (1999), Huberman (1998) e Papi (2011), são alguns dos muitos autores a enfatizar que a responsabilidade por promover apoio ao docente iniciante, não é exclusividade da escola, mas ´consiste em “um trabalho realizado em equipe, de maneira colaborativa, no qual os atores mais experientes procuram ajudar os novatos” os quais ajudam a si mesmos conforme afirma Mariano (2006, p. 25).

Cabem também aos órgãos, como a Secretaria de Educação, pensar ações e políticas para concretizar esse apoio no período de iniciação à docência evitando assim, que se torne apenas ações isoladas conforme ocorre hoje.

Mas, enquanto a rede se organiza para garantir políticas próprias de acolhimento ao iniciante, a exemplo do que já ocorrem em algumas cidades do Brasil e em outros países, podem se espelhar e se inspirar nos modelos apresentados por André (2012), colocados em prática no Espírito Santo, no Ceará e em Jundiá que preparam o iniciante por determinado período antes de iniciar sua jornada profissional. Tem ainda o programa de formação continuada trazido Calil (2014), implementado em Sobral/CE e o de Silva (2014), em Mato Grosso, com iniciativas pós ingresso de incentivo e complementação da formação.

Felizmente, os estados e municípios citados, contam com agentes educacionais, Secretarias de Educação e equipes gestoras que se preocupam em fazerem ajustes de modo a favorecerem a chegada desse profissional na escola auxiliando-os com apoio específico e diferenciado, facilitando sua entrada na carreira provendo-os com bases sólidas que sustentarão sua prática, especialmente nesse momento de fragilidades e inseguranças. Percebe-se a cada ano que passa, que o município pesquisado, também avança no sentido de oferecer a seus iniciantes, um ingresso mais humanizado.

Os primeiros anos da carreira docente podem se tornar mais fáceis ou difíceis. Isso vai depender de três situações básicas: da formação que tiveram, do apoio que recebem e das relações que estabelecem com outros colegas. É possível afirmar que no seio da escola encontram-se grandes apoiadores que possuem ampla experiência e que podem oferecer auxílio na falta do apoio do Coordenador Pedagógico ou de outros profissionais gabaritado da Secretaria de Educação. É possível contar com o professor mais experientes, como um profissional que pode se responsabilizar pelo iniciante, acompanhando-o conforme acontece na Colômbia no exemplo citado por Garcia (2011), no caso descritos por André (2012) e Vaillant e Marcelo Garcia (2012), que os nomeiam professores tutores.

De uma forma ou de outra, acredita-se nos pressupostos de Nóvoa (2009, p. 14) que revela “a formação de professores deve passar para ‘dentro’ da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens”.

Os melhores profissionais para ensinar ao iniciante sobre práticas do dia a dia, são os próprios colegas. Basta que se criem espaços para troca e programas onde um possa acompanhar de perto o trabalho do outro.

Outro profissional capaz de apoiar aos iniciantes citado pelos participantes da pesquisa são os Coordenadores Pedagógicos. Hoje, estes profissionais atuam na Secretaria de Educação, no entanto, acreditam na presença desse profissional contexto escolar. Essa presença seria importante no tocante ao conhecimento das necessidades específicas do público atendido.

Segundo declaram, a parceria com esse formador é essencial visto que se trata de um profissional específico da disciplina. No caso dos docentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental a formação com esse especialista é o que de fato os auxilia, pois, a oferecida pela escola quase nunca trata de assuntos específicos de suas áreas diferentes do trabalho dos Coordenadores.

Outra importante parceria a ser estabelecida é com os professores da escola, os quais poderão contribuir de forma significativa com a prática do iniciante. Lima (2006) nomeou essa troca mutua de "rede de ajudas". O autor afirma ainda, que o professor se satisfaz ao aprender seu ofício com seus pares. Mizukami (2002) sugere que os professores devem fazer parte de ampla rede de “comunidade de aprendizagem”, que lhes sirva como ideia e lhes deem suporte que ampliem seus conhecimentos.

O que se sabe é que o professor tem a grande capacidade adaptativa e cabe a cada profissional buscar integrar-se à sua realidade valendo-se dos meios que torne seu dia a dia na profissão mais estável e menos árduo.

Conclusões

Conforme foi discutido ao longo dessa pesquisa, a inserção na docência é um período de intensas aprendizagens, complexo, repleto de medos, inseguranças e muitos desafios. Conforme revelou a literatura, a iniciação na docência se mostra a fase mais difícil da carreira, pois é quando o professor descobre que a escolha profissional, não se enquadra àquela que idealizou e, assim, enfrenta seu primeiro dilema: encarar a profissão escolhida com todas as suas implicações, tensões e dificuldades.

O contexto escolar configura um desses desafios. As escolas, hoje, buscam adaptar-se ao mundo moderno, mas parecem manter-se muito ligadas a costumes e a práticas do passado. O que não se enquadra ao perfil dos alunos presentes, hoje. Nesse sentido, percebe-se a importância dos processos formativos dando base para o enfrentamento dos desafios de tornar-se professor.

Os ingressantes participantes da pesquisa apontam lacunas na formação inicial e citam o estágio como sendo um caminho que poderia favorecer de forma positiva o ganho de experiência. Sugerem a criação de programa de apoio à inserção docente, como forma de suprir o isolamento nessa fase descrita por muitos autores como sendo decisiva à carreira.

Levando em consideração os dados desta pesquisa, vê-se que é possível pensar ações que permitam vislumbrar um futuro onde o professor iniciante seja melhor acolhido e que o início da carreira possa ser acompanhado por profissionais mais experientes ou por sua chefia imediata. Dessa forma, os impactos e dilemas diante do novo, poderiam ser minimizados nos primeiros anos da vida profissional.

Referências

AMADO, J. **A indisciplina e a formação do professor competente**. In Seminário Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores. Anais online (p. 1-19). Lisboa: Universidade de Lisboa. 2001.

ANDRÉ, M. Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil. Cadernos de pesquisa v.42 n.145 p.112-129 jan./abr. 2012

BOARINI, M. L. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013: 123-131.

CALIL, A.M.G.C. A formação continuada no município de Sobral/CE. Tese de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2014.

GARCIA, C. Marcelo. **Formação de Professores – para uma mudança educativa**. Coleção Ciências da Educação. Porto – Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

GARCÍA, Carlos M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p.51-76.

GARCIA, Carlos M. **Políticas de inserción en la docencia: de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional docente**. Santiago: Preal, 2011. (Documento do Preal, n. 52).

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Portugal. Porto Editora. 1995. p. 31-61

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, E. F. **Sobrevivência: No início da docência**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MARIANO, A.L.S. início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas. In: LIMA, E.F. (Org.) **Sobrevivência no início da docência**. Brasília: Liber Livros, 2006.

MIZUKAMI, M.G.N., et al. **Escola e aprendizagem da docência: Processos de investigação e formação**. São Carlos. Edufscar, 2002, p. 71-93.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Educa Lisboa, Instituto de Educação –Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

PAPI, S.O.G. **Professoras iniciantes bem-sucedidas: Um estudo sobre seu desenvolvimento profissional**. Tese de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC, 2011.

SILVA, Mendes Solange Lemes da. **Práticas formativas em Mato Grosso sob o olhar de professores iniciantes**. 2014. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) - Universidade Federal de Mato Grosso, Observatório da Educação.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice e RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educ. Soc. [conectados]. 2000, vol.21, n73 [citado em 2018-04-08], pp.209-244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

VAILLANT, D.; MARCELO, C. **Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.